

A prática religiosa como identidade muçulmana**Religious practice as muslim identity**

DOI:10.34117/bjdv6n7-443

Recebimento dos originais: 03/06/2020

Aceitação para publicação: 17/07/2020

Ana Márcia da Silva Cunha

Aluna do Ensino Médio

Instituição: Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul

Endereço: Rua da Praia, 826 – Cophavila II, Campo Grande – MS, Brasil

E-mail: amscunha14@gmail.com

Henrique Rezende Untem

Mestrando em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco

Instituição: Universidade Católica Dom Bosco

Endereço: Av. Tamandaré, 6000 – Jardim Seminário, Campo Grande – MS, Brasil

E-mail: henrique.untem@gmail.com

Gabriela Pereira da Silva

Mestrando em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco

Instituição: Universidade Católica Dom Bosco

Endereço: Av. Tamandaré, 6000 – Jardim Seminário, Campo Grande – MS, Brasil

E-mail: gabipereira_18@hotmail.com

RESUMO

As pesquisas que envolvem o eixo temático da migração em sua maioria abordam as necessidades primárias de acolhimento, como a busca por uma moradia, por trabalho, documentação, saúde e adaptação sociopolítica. Entendemos que a religião faz parte de nossa construção identitária e a partir disto questionamos em que condições vivem os imigrantes muçulmanos, uma vez que são marginalizados por serem estrangeiros e por adotarem uma religião que pouco é aceita pela cultura Ocidental. Este trabalho faz parte do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio e se encontra finalizado, investigamos a maneira como os imigrantes muçulmanos são acolhidos em um país Ocidental, o Brasil dito Estado laico, e que tem o islamismo como religião minoritária. A pesquisa foi desenvolvida com base numa abordagem qualitativa e o materialismo histórico dialético para a discussão dos dados que coletamos a partir de entrevista semiestruturada realizadas com muçulmanos praticantes. Como resultados do levantamento bibliográfico podemos assinalar que as pesquisas ainda são muito recentes com essa temática, principalmente da religião muçulmana, ainda verificamos que boa parte das publicações estão vinculadas a grandes grupos de pesquisas. A entrevista realizada aponta que os muçulmanos encontram dificuldade em manter suas práticas religiosas no mundo ocidental e precisam fazer algumas adaptações.

Palavra-chave: Migrante, Islamismo, Religião.**ABSTRACT**

The researches that involve the thematic axis of migration mostly deal with primary reception needs, such as the search for housing, for work, documentation, health and socio-political adaptation. We understand that religion is part of our identity construction and from this we question the conditions

in which Muslim immigrants live, since they are marginalized for being foreigners and for adopting a religion that is little accepted by Western culture. This work is part of the High School Scientific Initiation Program and is finished, we investigate the way in which Muslim immigrants are welcomed in a Western country, Brazil called secular state, which has Islam as a minority religion. The research was developed based on a qualitative approach and historical dialectical materialism for discussing the data we collected from semi-structured interviews with practicing Muslims. As a result of the bibliographic survey, we can point out that the research is still very recent with this theme, mainly of the Muslim religion, we still verify that a good part of the publications are linked to large research groups. The interview shows that Muslims find it difficult to maintain their religious practices in the Western world and need to make some adjustments.

Keywords: Migrant, Islam, Religion.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa faz parte do PIBIC E.M., que atende os alunos regulares no Ensino Médio inserindo-os em pesquisas científicas, produzindo e disseminando conhecimento e principalmente aproximando-os mais ainda de pesquisas acadêmicas.

O fluxo migratório está tecido junto com a história humana, ao exemplo dos homens das cavernas que já se deslocavam constantemente em busca de recursos, como alimento, água, espaço, abrigo, dentre outros. E ainda hoje, milhares de anos depois, ainda vivenciamos este processo migratório forçado afim de melhorias na condição de vida e da própria existência. Entende-se de forma sucinta que migração é o movimento de saída ou chegada de pessoas a uma outra região/localidade que não seja o seu de origem.

É necessário conceituarmos os termos para entendermos o percurso e percalços de cada um, para Edwards (2015) os migrantes se deslocam em busca de melhores condições de vida e continuam sendo amparados por políticas de seu país de origem. Diferentemente, os refugiados não desfrutam das mesmas condições. Logo, os refugiados são aqueles que se encontram em situações forçadas a deixarem seu país de origem por questões de conflitos religiosos, sociais, econômicos e políticos.

É necessário enfatizar que nem todos os migrantes estão em condições de refúgio, uma vez que é comum relacionar o status de migrante a alguém que foge de seu país de origem por questões sócio econômicas, políticas e por outras adversidades como desastres naturais ou guerras civis motivadas por conflitos geopolíticos ou religiosos. O migrante pode ser aquele indivíduo que não é afetado diretamente por estes eventos, podendo ser uma pessoa com uma vida financeiramente estável, com muito mais do que algumas mudas de roupas ou a roupa do próprio corpo, e entre todas essas condições, pode ser um indivíduo legalizado.

Já o chamado refugiado não tem as mesmas condições de trânsito, nem sobre suas finanças ou assuntos que envolvem a sua legitimidade como um cidadão, e em casos gerais, se sentem na

necessidade de saírem de suas localidades para buscarem conforto, moradia e outras condições melhores para se viver.

Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, encontramos uma grande comunidade de migrantes que adotam a religião islâmica, que segue costumes diferentes da normatividade ocidental. Por vezes são vistos com olhares de curiosidade, estranhamento e de julgamento, isso evidencia a falta de conhecimento sobre/para o outro, para entender sua cultura, religião, costumes e crenças, mas sobretudo valorizar o multiculturalismo.

As pesquisas que envolvem o eixo temático da migração em sua maioria abordam as necessidades primárias de acolhimento, como a busca por uma moradia, trabalho, documentação, saúde e adaptação sociopolítica. Entendemos que a religião faz parte de nossa construção identitária, e a partir disto questionamos em que condições vivem os imigrantes muçulmanos.

Este artigo visa um estudo e observações mais enfáticas sobre migrantes em si, contendo trechos e discussões de uma entrevista semi estruturada realizada com um migrante muçulmano, com o foco da pesquisa voltado para a relação que este migrante tem com a prática de sua religião com os afazeres do trabalho, dificuldades que serão destacadas sobre a influência do mundo ocidental sobre a tal prática, e também o significado pessoal de religião para este cidadão, em contraste a olhares filosóficos de teóricos e estudiosos para sabermos o peso que a instituição social religiosa tem sobre o molde identitário do cidadão. Será comentado e questionado, com pouco menos de ênfase, mas não menos importante, casos de preconceito envolvendo estes muçulmanos e seu estilo de vida adotado aqui no Brasil.

2 A RELIGIÃO

Por religião, entendemos uma crença em uma força/algo superior ou divino, podendo ser representada e manifestada de diversas maneiras, ao qual acredita-se que estejamos ligados espiritualmente, que nosso destino é influenciado por esta, e no qual devemos obediência e fidelidades à seus princípios e dogmas.

A religião pode estar presente já no começo de nossas vidas, como também pode ser concebida ao longo de nossas vidas, e assim cada indivíduo se identifica com a doutrina de determinada religião, para poderem segui-las ou não. Acreditamos também que a família e o meio que o indivíduo se encontra pode influenciar em uma identificação por dada religião. Para Silva e Siqueira (2009):

[...] religião remete a questões sagradas exercidas no seio de uma instituição, ligadas a estruturas formais, hierárquicas, relativamente fechadas, dogmáticas e, principalmente, relacionadas às questões do pós-morte. O termo religião está ligado, fundamentalmente, a um sistema de dogmas, de crenças e de rituais, ou seja, a uma dimensão institucional. (SILVA, SIQUEIRA, 2009, p. 558)

Com base no livro “Para uma ontologia do ser social I” de Gyorgy Lukács, onde este se sustenta no pensamento de Hegel, Lukács comenta sobre a ontologia religiosa, que diz:

A ontologia religiosa surge, portanto, por uma via oposta à da ontologia científico-filosófica: esta investiga a realidade objetiva para descobrir o real espaço para a práxis real (do trabalho à ética); aquela se move desde as necessidades de um comportamento diante da vida, das tentativas feitas pelos seres humanos singulares do cotidiano de conferir sentido à própria vida, e constrói uma imagem de mundo que, se fetiva, poderia constituir uma garantia para a realização daqueles desejos que se manifestam na necessidade religiosa. (LUKÁCKS, 2018, p. 24)

Este trecho confirma a importância da religião na vida do indivíduo como algo construtivo na sua moralidade propriamente dita.

Ainda em Lukács (2018), o mesmo afirma que o ser humano transforma a religião em um sentimento subjetivo, de uma maneira que faz com que eventos que ocorram na vida deste fiel sejam atribuídos a “potências cósmicas”, seres divinos.

É justificado também, a necessidade do ser humano em ter a religião presente na vida, como o islamismo na vida de um fiel muçulmano.

Desse modo, justamente da perspectiva dessa nova e purificada religiosidade, a multiplicidade das religiões é concebida como algo necessário e inevitável, uma vez que ninguém pode impedir um ser humano de formar para si uma religião conforme sua própria natureza e seu próprio entendimento. (LUKÁCKS, 2018, p.38)

Nossa pesquisa investiga um pouco sobre a prática religiosa dos muçulmanos em Campo Grande, mas para iniciarmos estas discussões é necessário entendê-la um pouco. Daremos a introdução comentando a origem desta religião e os conflitos que os povos árabes causavam em seu nome, e como esses eventos influenciaram na “inimizade” e estranheza com a população ocidental de maioria cristã.

Antes da criação do Islamismo, a Península Arábica era habitada por pessoas que praticavam a religião politeísta, baseada na crença de vários deuses. Com o surgimento da religião no século VII, pelo seu profeta Maomé, a Península, antes dividida em várias tribos que guerreavam entre si, agora se unifica em um grande Estado, todos unidos pela mesma crença.

O islamismo se baseia na crença e devoção de apenas um Deus, chamado de Alá, fazendo parte do grupo de religiões chamadas monoteístas (juntamente ao Cristianismo e Judaísmo). Após sua expansão na Península Arábica, os muçulmanos (seguidores do Islã), avançaram para a Península Ibérica, onde conquistaram parte do sul da atual Espanha até o século XV.

A Idade Média foi marcada pelas Cruzadas, conflitos armados entre cristãos e Muçulmanos por terras europeias e também por Jerusalém, cidade sagrada para ambas as religiões. Os marcos da expansão islâmica foram a queda do Império Bizantino, a tomada do Império Persa e do norte da África, e a dominação total do Oriente Médio e da Ásia Menor.

No último século, as relações entre muçulmanos, cristãos e judeus se afunilaram ainda mais, com guerras mundiais travadas, a criação do Estado de Israel na Palestina (considerado ilegítimo) e, desde o começo do século XXI, ameaças e atentados terroristas à governos ocidentais e ataques em defesa de sua religião, muitas vezes vista com um olhar de desrespeito, principalmente na região da Europa.

Este último chega ao assunto de migrantes e refugiados muçulmanos. Não somente acontecem desavenças entre o Oriente Médio e o Ocidente, mas também ocorrem conflitos internos, como guerras civis e disputas territoriais de grupos extremistas, o que são de maioria conflitos bélicos. A maioria da população que não se enquadra como rebeldes e jihadistas (Jihad é a denominação da Guerra Santa Muçulmana), e acabam sendo severamente prejudicados.

É noticiado todos os anos bombardeios em grandes cidades e confrontos armados que resultam na morte de centenas de milhares de cidadãos muçulmanos inocentes, e graças a esses acontecimentos, grandes massas de migrantes são deslocadas para o norte da África e pelo mar Mediterrâneo, chegando a países da Europa. Esses deslocamentos já mobilizaram e ainda mobilizam governos federais e grandes órgãos de Direitos Humanos, e acabam revitalizando as políticas de imigração e acolhimento a refugiados.

Países desenvolvidos com a população bem empregada geralmente é o ponto principal onde essas pessoas buscam refúgio e moradia, mas nem sempre estes são bem recebidos, uma vez que a maioria não possui documentação, e em vários casos são presos (muitas vezes são separados do restante de sua família como acontece com crianças) como migrantes ilegais e são deportados para seu país de origem.

3 A QUESTÃO DO BRASIL SOBRE MIGRANTES MUÇULMANOS

É notório afirmar que o Brasil, desde o início do período colonial, vem recebendo influências culturais de vários povos ao redor do mundo, uma vez que vem sendo palco dos fluxos migratórios, seja por causa de oportunidades de emprego, ou até mesmo das migrações resultantes da escravidão e da política de branqueamento do início do século XIX. Países como o Japão, Itália, Alemanha, Portugal, Líbano e países da África são exemplos de nações que marcaram fortemente suas culturas aqui no Brasil.

Sabemos que as religiões predominantes no nosso território são oriundas do Cristianismo, como o Catolicismo e o protestantismo devido à colonização europeia nas nossas terras, mas contamos também com religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e Candomblé, e o Islamismo, visto que o número de comunidades árabes no Brasil é significativa.

Em adesão ao Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil, a religião que ainda predomina é o catolicismo apostólico romano com uma porcentagem menor do que a registrada em 2000, de 73,6% para 64,6%. Um aumento notável também foi com a população evangélica, que cresceu de 15,4% para 22,2%.

O censo ainda aponta as demais religiões com o termo “outras”, por estarem em menor número no país, incluindo o Islamismo, por ainda não ter um grupo de adeptos tão expressivo em números no Brasil.

Em muitos países de maioria muçulmana, a religião anda conjunta com a política, em consonância disto, a adaptação e convivência em um país de Estado laico, como o Brasil se considera, e de maioria cristã se torna um desafio para estes, uma vez que é incluso certos prejulgamentos e a intolerância contra os que buscam refúgio, dadas as circunstâncias de atentados terroristas de reivindicação de movimentos islâmicos extremistas, como afirma:

A relação entre os ataques de 11 de Setembro e o fundamentalismo islâmico tornou-se interpretável a partir do instante em que foram identificados os terroristas, nacionais de países de tradição islâmica, com algum tipo de evidencia, e indício de pertença ou relação com a Al Qaeda, liderada pelo fundamentalista islâmico Osama Bin Laden. (DELFINO, 2010)

O Censo deve ser atualizado ainda neste ano (2020), tendo em vista que as pesquisas sobre religião no Brasil são feitas a cada dez anos.

4 METODOLOGIA

Em nossos estudos será utilizada uma abordagem qualitativa na construção e discussão dos dados, que para a Minayo (2008, p. 57) “O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam”.

Boa parte destes imigrantes adotam como religião o islamismo, em que é necessário se disciplinar fielmente aos ritos, e o complexo de orações durante o dia, porém muitas vezes encontram dificuldades para exercer sua religião em países ocidentais, a não aceitação do horário diferenciado é um dos maiores empecilhos. A partir desta realidade utilizaremos o materialismo histórico dialético para a análise e discussão da pesquisa.

Martins e Lavoura (2018) reiteram que o materialismo histórico dialético se articula em um eixo central que busca compreender e explicar os objetos e fenômenos investigados, da maneira como realmente ocorrem na realidade.

Sendo assim, através desta abordagem poderemos discutir as trajetórias de vida dos muçulmanos até chegarem ao Brasil, especialmente no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. E principalmente, a pesquisa irá discutir como estas pessoas fazem para cultivar sua religião em um país ocidental.

Para a coleta de dados utilizaremos entrevistas semiestruturadas, uma vez que este tipo de instrumento metodológico nos permite fazer, conforme Duarte (2004), um “mergulho em profundidade” (p. 215), na maneira como os indivíduos percebem e significam sua realidade.

5 A ENTREVISTA

Fomos até a mesquita “Luz da Fé” localizada em um bairro central de Campo Grande na intenção de aproximação com a comunidade muçulmana, não conseguimos contatar nenhum responsável, pois estava fechada. Durante essa tentativa um comerciante vizinho nos passou o telefone de um frequentador para ser nosso possível sujeito de pesquisa.

Entre as trocas de mensagens e telefonemas, tal pessoa nos esclareceu alguns aspectos e características da religião, entretanto este não se sentiu apto para realizar a entrevista. Indicando, assim, uma pessoa que é mais articulada e experiente dentro desta mesquita, que depois de algumas aproximações, tornou-se o sujeito entrevistado.

O sujeito entrevistado adotou um nome no Brasil não correspondendo ao seu nome de registro de nascença no Líbano (seu país de origem). Essa adoção de um novo nome vem ao encontro de seu processo de integração/inserção social, uma vez que facilita o processo comunicativo, já que a língua árabe tem uma fonética que não é próxima da língua portuguesa e nem sequer utiliza o mesmo alfabeto.

Utilizaremos o nome Armando que corresponde ao seu nome social, pois o próprio sujeito pediu para que não utilizássemos anonimato para seu nome. Armando é um homem de cinquenta e cinco anos, solteiro e que não possui filhos; este possui um comércio de produtos para bebês no centro da cidade, e ao longo de sua fala, Armando afirma que conseguiu esta loja dois meses depois que chegou ao Brasil, graças a irmãos que já residiam aqui e que também possuíam lojas do mesmo seguimento.

Seu Armando é formado no ensino superior em Ciências da Computação e Matemática por bolsa na Arábia Saudita. Certamente ocorreu uma grande oportunidade para este uma vez que o

Líbano é um país pequeno geograficamente e, segundo o próprio Armando, com mais libaneses vivendo fora do país do que dentro, o que desestimula o crescimento profissional no Líbano.

Durante a entrevista, surgiram dúvidas a respeito de como estava a situação interna do Líbano, em razão dos conflitos da Guerra do Golfo, envolvendo o Kwait, a Arábia Saudita, os Estados Unidos e também o Iraque, mas Armando comenta que o Líbano estava em guerra civil desde 1975, alegando que os problemas internos não tinham relação com a Guerra do Golfo.

Posteriormente após observações sobre política e economia de seu país, Armando comenta sobre seus sobrinhos e a família no geral, o que aproveitamos para perguntar se este já havia presenciado ou sofrido preconceito por ser muçulmano, mas seu Armando afirma que nunca passou por tal momento mas afirma que este caso já aconteceu com sua sobrinha e comenta que as mulheres muçulmanas sofrem mais preconceitos do que homens. Indubitavelmente, esta triste realidade deve-se ao fato que é exigido às mulheres do Islã usarem véus ou burcas devido à religião, o que causa olhares de estranheza e desafeição por esta tradição. Armando diz que já arrebatou comentários de ofensa contra a sua sobrinha, mas fala que não se encara a ignorância com outra ignorância.

Chegando a um dos pontos principais da entrevista, pergunto para seu Armando o significado pessoal de religião para este. “Ah, religião, é a nossa vida, o nosso estilo de vida, a própria religião é a nossa vida, e nosso estilo de vida é o estilo de vida do profeta Muhammad, do profeta Maomé. o estilo do profeta Maomé é o mesmo estilo de todos os profetas desde Adão até ele. Não temos diferença entre Adão e Maomé, de nenhum mensageiro, todos têm o mesmo estilo, a mesma escola divina, e nossa religião é nossa vida, e ela organiza a nossa vida, como é que tem q ser assim... é que nosso profeta nos ensinou como dormir, como comer, como a gente entra na casa, como a gente sai de casa, quando cumprimentar, quando a pessoa insultar, tudo isso.”

Em consonância deste relato, é assegurada a suma importância da religião para um fiel muçulmano, o que acarreta na afirmação de que a religião influencia em aspectos morais do ser humano, de acordo com a intensidade de sua devoção e prática religiosa.

Seu Armando também nos informa sobre sua rotina de orações, tendo em vista que este as realiza cinco vezes ao dia. Com isto, abriu-se uma objeção sobre como seria a relação que o muçulmano tem com o trabalho e com a prática de sua religião. Armando argumenta que, mesmo as orações tendo um horário fixo, o fiel pode adiantar ou atrasar a sua oração, podendo realiza-la com a oração de outro período, sabendo que há de exercerem nos períodos da madrugada, ao meio-dia, à tarde, crepúsculo e à noite.

Ele exemplifica: “[...] o médico: entrou na cirurgia 12h, e a cirurgia vai até 16h, 17h, como é que ele vai rezar? A gente fala para ele assim: ou ele adianta, atrasa a oração de 12h e faz tudo junto com ela de tarde, ou ele adianta a de tarde e faz junto com a do meio-dia antes de entrar na cirurgia..

Se eu tô viajando por exemplo, não vou pedir ao ônibus ou ao piloto de avião parar para eu poder rezar, não, eu rezo na cadeira, no assento, onde estou sentado. [...] E que isso vale até ao doente, se ele não levanta ele pode fazer deitado na cama, só apenas mexe com os olhos e língua, ele recita assim mesmo deitado, não precisa ele ficar, levantar, fazer ablução... [...]"

Após esta explicação, demos início a uma pergunta que teria uma resposta de âmbito pessoal, significaria o modo de visão dele acerca de como as famílias atuais brasileiras educam religiosamente seus filhos. "Por exemplo, por que a pessoa aqui não tá ligada à religião no Brasil? Porque não tiveram a criação religiosa, a educação religiosa da criança, desde criança. Essas crianças que estão assim, porque eles veem o pai rezando, veem o pai ligado, aí eles acabam também puxando o mesmo lado assim."

A entrevista em si abstrai-se do assunto de relevância para este artigo a partir desta última opinião.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Foi visto e analisado questões que envolvem a migração, especificamente ao Islamismo e seus migrantes muçulmanos em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Consideramos então que, muitas vezes temos a mesma visão sobre a migração e refúgio, sendo que os dois conceitos se divergem em aspectos sociais e principalmente nos aspectos legais de acolhimento, visto que um migrante pode mudar sua localidade (como a cidade, estado ou país) geralmente com mais recursos do que um refugiado, como condição financeira, sua legalidade no território e políticas públicas que acabam sendo voltadas mais para este tipo de acolhimento.

Analisamos com perspectivas teóricas, conceitos relacionados à religião também, em razão do foco que a religião adquire no artigo, além de um breve resumo sobre a migração. Por meio da entrevista realizada, observamos que há uma dificuldade em manter as práticas religiosas em uma cultura ocidental por conta da jornada de trabalho, estudos, preconceito religioso, a falta de mesquitas, dentre outros. Mesmo com dificuldades adversas é possível manter as práticas religiosas por meio da flexibilização de horários que a própria religião permite, segundo o sujeito de pesquisa.

Verificamos também, por meio de levantamento bibliográfico, que há poucas publicações acerca da temática estudada, corroborando nossa concepção de que esta pesquisa está longe de esgotar o tema, apenas abre um espaço para reflexões e discussões, e nos inquieta a aprofundarmos os nossos estudos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Rio de Janeiro, jun. 2012. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao&view=noticia> >. Acesso em: 30 mai. 2019.

DELFINO, Silas do Carmo. **Migrações islâmicas após o 11 de setembro**. Revista Nuares, São Paulo, n. 14, 2010. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistanuares/revista14/Nuares14_docarmo.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2019.

DUARTE, Rosalia Maria. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-226, 2004. p. 213-225.

EDWARDS, Adrian. **Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto**. Genebra, out. 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

MARTINS, Lígia Márcia; LAVOURA, Tiago Nicola. **Materialismo histórico-dialético**: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, Rogério Rodrigues da; SIQUEIRA, Deis. **Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional**. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 557-564, set. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000300017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722009000300017>.